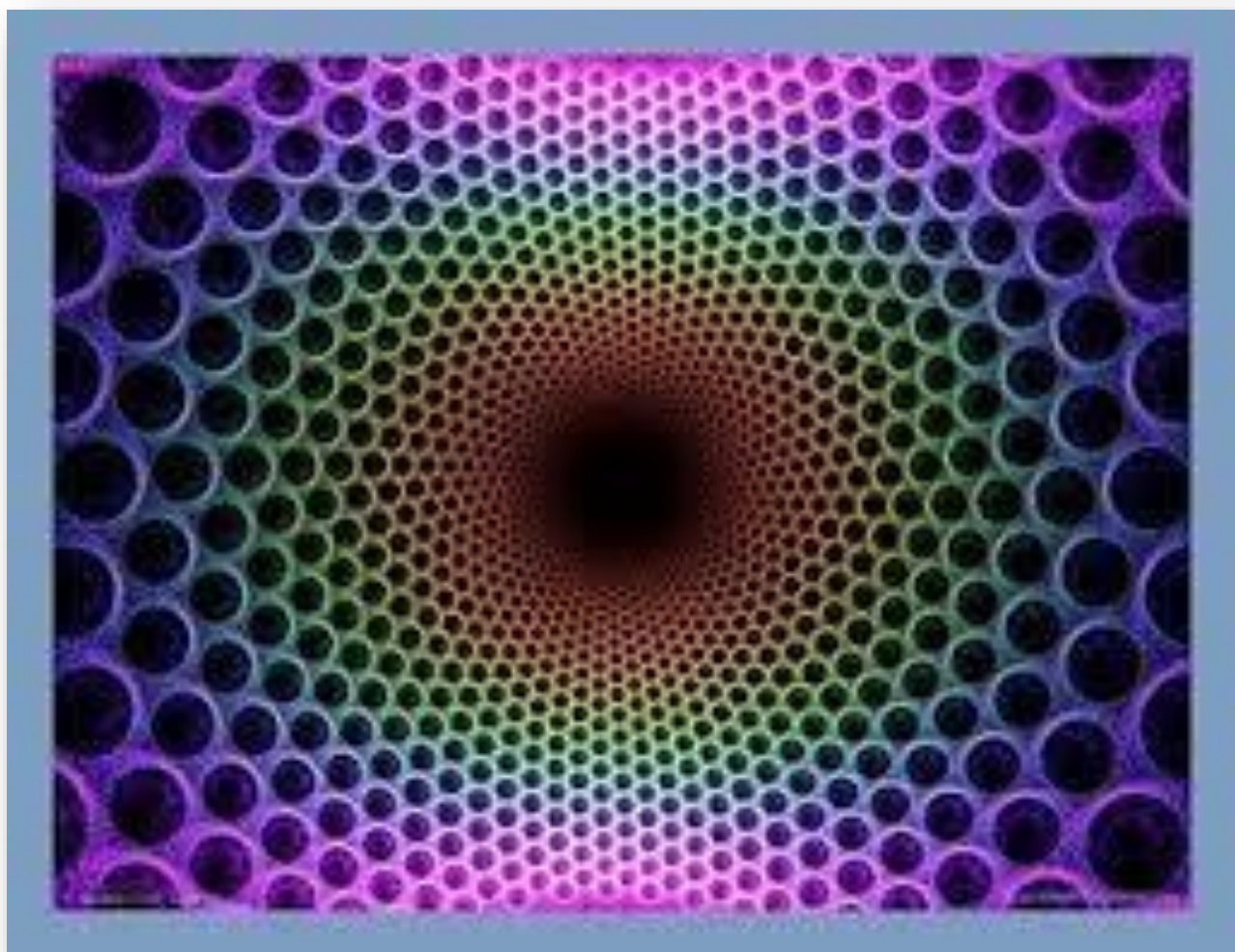


RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

**A CONSCIÊNCIA
DO
HOMEM FUTURO**

Trabalho apresentado na
Sociedad Argentina Asesora
em Salud Mental
Argentina
Ano 1972

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



A CONSCIÊNCIA DO HOMEM FUTURO

1. *A consciência que advém*

Na raiz das transformações sociais de nosso tempo, percebe-se a necessidade de desenvolver uma nova qualidade da consciência humana ⁽¹⁾. Diversos autores que apontaram essa necessidade, mostraram, ao mesmo tempo, os **caminhos** que, ao que parece, orientam em direção a essa ativação da consciência.

Charles Reich, em seu livro **The Greening of America** (“O Reverdecer da América”), sintetiza seu pensamento nestas poucas palavras:

“Está surgindo uma revolução. Não será como as revoluções do passado. Terá sua origem no indivíduo e na cultura, e mudará a estrutura política só como seu ato final. Não exigirá violência para triunfar e não se poderá eficazmente resistir a ela através da violência. Esta é a revolução da nova geração”. ⁽²⁾

O valor da tese de Reich, no meu entender, está em que retira a problemática do homem do campo - restringido pelas revoluções políticas e as lutas sociais, para centralizá-la em um problema de “Consciência”: **“revolution by consciousness”**.

Herbert Marcuse, ao examinar em **“O fim da utopia”**⁽³⁾ o processo de transformação da sociedade, faz uma crítica ao marxismo pela ênfase posta exclusivamente no jogo das forças materiais da produção, e destaca o fato de que, na evolução destas forças produtivas, chegou-se a uma etapa em que *“é possível o salto da quantidade para a qualidade”*.

“O que está em jogo – diz - é a ideia de uma nova antropologia. E não só como teoria, mas também existencialmente: a origem e o desenvolvimento de necessidades vitais de liberdade.... Estas novas necessidades vitais farão

possível, como força produtiva social, uma transformação técnica total do mundo e da vida”.

E, mais adiante acrescenta: *“Considero que o desenvolvimento da consciência é hoje uma das tarefas principais do materialismo”*. Esta necessidade subjetiva de destacar novas qualidades da consciência - que em Marcuse está intimamente vinculada ao processo revolucionário - subjaz como necessidade de “expandir a consciência” em todos os movimentos juvenis, fundados em experiências psicodélicas. Se deixarmos de lado todo o desvianismo e a patologia que implica o abuso das psicodrogas, e formos à raiz da experiência - quanto à própria experiência - encontrar-nos-emos com um fenômeno de “expansão de consciência”. Roszak diz a respeito:

“Se aceitarmos a proposição de que a contracultura seja, essencialmente, uma exploração da política da consciência, então a experiência psicodélica ocupa seu lugar como um, mas somente um, dos métodos possíveis para ascender a essa exploração. Converte-se em um limitado meio químico para uma finalidade psíquica mais ampla, isto é, a reformulação da personalidade, sobre a qual se baseiam ultimamente tanto a ideologia social quanto a cultura” ⁽⁴⁾.

Alam Watts, por sua vez, ao examinar em seu livro **“Psychotherapy East and West”** (Psicoterapia do Oriente e do Ocidente) ⁽⁵⁾, os pontos de contato entre os métodos psicoterapêuticos ocidentais e as técnicas de algumas filosofias orientais tais como o Budismo, Vedanta, Taoísmo, Yoga, etc., chega à conclusão de que ambos tipos de disciplinas têm por finalidade produzir certas “mudanças de consciência”.

2. A consciência do homem cósmico

Anunciamos em **“Germes de Futuro no Homem”**⁽⁶⁾ o nascimento de uma consciência expansiva e participante, que tem um caráter **germinal** no homem de nosso tempo, mas que coloca o ser humano de hoje nas vanguardas do futuro. Esta nova consciência emergente, que qualificamos como “Egoência” é uma realidade existencial que não pode ser explicada em termos de uma dialética histórica, de um fenômeno

psíquico ou de uma “experiência liberadora”. Não é um produto de uma reação ao sistema social vigente - pelo menos não de modo essencial, ainda que possa sê-lo de modo accidental. Tampouco pode ser compreendida como continuidade do tipo de consciência habitualmente imperante na sociedade - que é uma consciência coletiva organizada. Nem é uma consciência individual refletida subjetivamente sobre si mesma. Egoência do ser é o modo de consciência do homem cósmico que nasce, entendendo por “homem cósmico” um tipo humano cuja consciência individual transcende os modos habituais de uma consciência linear, para transformar-se em uma consciência expansiva e participante. Não existe ponte racional para compreender este novo fenômeno: é necessário para isso, utilizar um novo método de descobrimento por similitude.

Estamos ante um “vazio” existencial. Entre nossa consciência individual e a consciência cósmica há um “abismo” tremendo. E entre nosso mundo pessoal e o universo de que fazemos parte há uma “barreira” que parece intransponível.

3. A nova síntese e a crise do pensamento sistemático

Para unir esses dois mundos é necessária uma nova **síntese**. Mas devemos dar-nos conta de que já não é suficiente uma síntese especulativa, sob a forma de sistemas cosmológicos, teológicos ou filosóficos. Nem uma síntese científica, como a que hoje se pretende no campo interdisciplinar entre as ciências particulares. Nem sequer uma síntese religiosa, se por tal entendêssemos um sistema de crenças fundamentais. Todos estes meios, na medida em que são construções sistemáticas do pensamento, são insuficientes para criar uma síntese. Porque a própria estrutura do pensamento é um meio de **divisão** e não um meio de união.

Um dos homens que expressaram com maior clareza esta ideia, nos últimos tempos, é o filósofo alemão Martin Heidegger. O velho Heidegger, ao cumprir seus 80 anos, aceita pela primeira vez uma entrevista televisiva com o jovem professor da

Universidade de Maguncia, Richard Wisser. Este diálogo, que resume o pensamento do tardio Heidegger, foi difundido pelo canal oficial da TV alemã, publicado em um pequeno livro⁽⁷⁾ e comentado em diversos artigos⁽⁸⁾, ⁽⁹⁾. No curso da entrevista, Heidegger denuncia o fato de que o pensamento humano, desde os gregos, desenvolveu-se à margem do ser, subtraiu-se (Entzug) do ser, para ocupar-se só do ente. O que significa que, tanto a ciência quanto a metafísica e a técnica só podem dar uma visão parcial, referida a seus respectivos objetos particulares, mas não têm acesso ao ser total: “Só o pensar tem acesso ao ser”.

Indubitavelmente, todos partimos do suposto de que possuímos esta função do pensar. Mas, não é essa a opinião de Heidegger, que intui o pensar como uma “atividade” mas simples que a atividade do intelecto e que requer o “retorno ao conteúdo original da linguagem”.

Com respeito a este **futuro** do pensar, declara-se um mero precursor de alguém vindouro, e a quem se refere, citando palavras de Heinrich von Kleist: “Afasto-me, ante alguém que ainda não existe. E, já um milênio antes, me inclino ante seu espírito”.

4. No umbral de uma nova mística

O pensamento, enquanto for um meio de relação **indireta** entre a consciência psicológica e a consciência do ser, aparece como insuficiente para transpor o abismo existencial do homem: o que faz falta não é um meio de relação, mas um meio de união.

Este meio está sendo criado no interior do homem novo, através de uma **mística**. Não uma mística como crença, mas como função integrativa do homem, que faça possível o desenvolvimento da consciência total do ser. Esta consciência unificada e harmônica é o novo meio **interior** que todo homem necessita para desenvolver-se como ser humano

**Exposição apresentada no ano 1972 pelo Dr. Ramón P. Muñoz Soler ante a
Sociedad Asesora de Salud Mental, Argentina, sendo então**

Presidente: Dr. Eduardo A. Barbagelata, Paraná, Provincia de Entre Ríos

Secretário Geral: Dr. Andrés P. Borlenghi, Capital Federal

Secretário Científico: Dr. Omar Lazarte, Mendoza, Provincia de Mendoza

Secretário de Relações Públicas: Dr. José Oubiña, Rosario, Provincia de Santa Fe

Secretário da Fazenda: Dr. José Luis Loci, Rosario, Provincia de Santa Fe

Membros Titulares: Dr. Diego A. Block, a Plata, Provincia de Buenos Aires; Dr. Héctor Fontanarossa, Capital Federal; Dr. José Catri, id. ant.; Dr. David Ghelman, id, ant.; e Dra. Susana I. Curto de Garcia, id. ant.;

Membros Suplentes: Dr. Alberto Mitelman, Capital Federal; Dra. Mercedes D. de Block, La Plata, Provincia de Buenos Aires; Dra. Nora A. Caruso, Corrientes, Provincia de Corrientes; e Dr. Jaime Waismann, Paraná, Provincia de Entre Ríos.

Referências Bibliográficas

- 1- MUÑOZ SOLER, Ramón P. *Temática para el futuro*, Ediciones ADCEA, Bs.As., 1971
- 2.- REICH, Charles *The Greening of America*, (New York, Random House, 1970, pág. 4)
- 3.- MARCUSE, Herbert *El fin de la utopía*, (México, siglo XXI, 1969), página 6
- 4.- ROSZAK, Theodore York, *The Making of a Counter Culture*, (Garden City, New Doubleday and Company, Inc., 1969)
- 5.- WATTS, Alan W. *Psychotherapy East and West*, New York, Ballantine Books, 1970).
- 6.- MUÑOZ SOLER, Ramón P. *Gérmenes de Futuro en el Hombre*, (Bs.As., 2ª Ed., 1970).
- 7.- WISSER, Richard *Heidegger im Gespräch*, (Freiburg-München, Verlag K.A. 1970).
- 8.- MALIANDI, Ricardo *El “develamiento de Heidegger”*, en *La Nación*, Bs.As. 19/4/70
- 9.- PRESAS, Mario A. *Un encuentro con Heidegger*, En: *Rev. De Filosofía La Plata*, N°22